

Poster (Painel)

145-285 **Uso de *Trichogramma pretiosum* no controle de microlepidópteros em videira no Vale do São Francisco.**

Autores: Tiago Cardoso Costa Lima¹, Ana Taíres Pereira de Araujo², Aline Finotti Torris²
¹EMBRAPA Semiárido (Rodovia BR 428, Km 152, s/n, 56302-970, Petrolina, PE, Brasil), ²UPE
- Universidade de Pernambuco (Rodovia BR 203, Km 2, s/n, 56328-903, Petrolina, PE, Brasil)

Resumo:

Em 2015 foi identificado uma nova praga em uva de mesa do Vale do São Francisco, o microlepidóptero, *Lasiothyris luminosa* (Lepidoptera: Tortricidae). A lagarta desta praga ataca desde o botão floral da videira até as bagas na fase de colheita. Houve fazenda com perdas de 10% da produção em detrimento dos danos causados por *L. luminosa*. Em virtude do hábito de penetrar nas estruturas (flores e bagas) torna-se difícil o controle químico deste tortricídeo. Outro microlepidóptero, *Cryptoblabes gnidiella* (Lepidoptera: Pyralidae), já é mais conhecido como importante praga da videira e também apresenta um difícil controle na cultura. O presente estudo buscou avaliar o parasitismo em campo de ovos dessas duas espécies de microlepidópteros após liberações de *Trichogramma pretiosum* (Hymenoptera: Trichogrammatidae) em área de videira. O trabalho foi conduzido em fazenda de produção de uva de mesa, entre os meses de fevereiro e maio de 2016, em Lagoa Grande (PE). Foram acompanhadas um total de cinco talhões, com média de 5 ha cada, das variedades Sweet Jubilee (3 áreas), Timco (1 área) e Sugar Crisp (1 área). Foram realizadas duas liberações de *T. pretiosum* nas áreas, com 30 e 55 DAP, na taxa de 240 mil parasitoides/ha, espaçados cada ponto com 15 m. As cápsulas com *T. pretiosum* foram suspensas sob as folhas da videira com auxílio de um recipiente de papel. Em estudo prévio verificou-se a capacidade de se observar os ovos de *L. luminosa* e *C. gnidiella*, porém, não diferenciando entre as espécies. Desta forma, optou-se por contabilizar o número de ovos, viáveis (de cor amarela) e parasitados (escurecidos), assim como, amostrar as lagartas para verificar a proporção das espécies presentes na área. Semanalmente foram coletados e trazidos ao laboratório, de cada área, 6 cachos de inflorescências ou de bagas em seus diferentes estágios de desenvolvimento, de acordo com a fenologia da planta. Desta forma, totalizaram-se 14 coletas, entre 28 e 119 DAP. Este mesmo acompanhamento foi realizado em outras áreas da mesma fazenda três meses antes do início do experimento e não foi detectado em nenhuma coleta a presença de ovos parasitados naturalmente. Das 13 coletas foram observados ovos de microlepidópteros em sete, sendo a maior concentração entre 56 e 105 DAP, com média variando de 0,2 a 3,4 ovos por área. Destes, a porcentagem de ovos parasitados foram as seguintes, para cada DAP: 56 (54,5%), 63 (41,2%), 70 (50,0%), 77 (0,0%), 85 (45,45%), 91 (100,0%) e 105 (100,0%). Não foram observados a presença de ovos nas coletas de 28, 42, 29, 98, 112 e 119 DAP. Foi possível detectar ovos parasitados até 51 dias após a última liberação de *T. pretiosum*. Da amostragem de lagartas no período de estudo, 56,9% corresponderam a *C. gnidiella* e 43,1% a *L. luminosa*. O estudo demonstra a capacidade de *T. pretiosum* parasitar ovos de microlepidópteros em videira nas condições do Semiárido nordestino, colocando-se como uma alternativa de controle destas pragas na região.

Palavras-chave:

Uva, Traça-da-videira-sul-americana, Traça-dos-cachos